

Spalla

O barulho do despertador ecoa pelo quarto, espera alguns segundos antes de desligá-lo. Não tinha conseguido dormir muito durante esta madrugada. Pensamentos, medos, ansiedade. Em três anos tinha construído uma carreira como Psiquiatra Forense de dar inveja a qualquer colega da área de psiquiatria e se transformado em ídolo para muitos outros novos colegas de profissão. Então porque a ansiedade se saberia como fazer?

Sabia que dia era, mas mesmo assim foi até o calendário, deu uma olhada para a data e riscou o dia **26 de abril de 2020**. Foi para o seu banho e no momento só pensou qual seria seu vestuário para consultar seu próximo paciente. Decidiu, então, por um terno preto, camisa branca e gravata vermelha. Apertou um pouco mais o nó da gravata em sua garganta.

Seu cliente estava preso há três anos, em seus exames não havia nenhuma explicação física que mostrasse um possível problema mental, mas laudos psiquiatras mostram um distúrbio de personalidade. O juiz pediu uma última perícia médica, e escolheram ele para esta análise psiquiatra. Seu *Serial Killer* não era normal, todos já sabiam disso, e o porquê era o que ele iria tentar descobrir.

Anotou em sua folha de reunião, “**22 de fevereiro de 2013**”. Nesta reunião as comissões de formatura, das turmas de medicina, iriam decidir onde, quando e como seria as festas da semana de comemoração dos formandos. E foi nesta reunião que ele a conheceu. Tássio sempre foi um homem da ciência, sabia das possibilidades de uma paixão à primeira vista e quais os hormônios que o cérebro recebia, ele sabia tudo isso na teoria, até o momento que seus olhos encontraram os dela. Queria levantar de seu lugar, ir até ela e apresentar-se, mas esperou pelas apresentações. Seu nome era Fernanda, vice-presidente da comissão de formatura de sua turma e iria forma-se no curso de medicina. Três coisas ele já sabia sobre ela.

Ele teve um ano para conhece-la, um ano para consolidar sua paixão, um ano para fazer ela se apaixonar por ele. Durante este ano, passaram um bom tempo juntos organizando os detalhes das festas de formatura. Entre olhares e sorrisos, ele sentiu a segurança para chamá-la para sair. Por sorte dele, ela o permitiu entrar em sua vida. Se conheceram. Se gostaram. Se envolveram. E no fim do ano, durante uma dança juntos na última festa da formatura, ele sabia que o nome dela era Fernanda, ex vice-presidente da comissão de formatura, graduada no curso de medicina, amante de música clássica, apaixonada em filmes policias, viciada em chocolate, odiava clichês, tinha uma paixão por livros, e entre outras inúmeras coisas, o mais importante era ela ter o aceitado como namorado.

Parou um pouco antes da entrada do estacionamento e observou o prédio do hospital psiquiatra, esperou alguns segundos, esperou uma certeza e entrou para estacionar seu carro. Olhou uma última vez para a tela do celular. “**26 de abril de 2020**, 13hs”. Prendeu sua identificação do lado superior esquerdo de seu paletó, colocou seu gravador no bolso direito da calça, passou os dedos pelo cabelo semi bagunçado e saiu de seu carro.

Cumprimentou os seguranças e algumas outras pessoas e foi até a sala do psiquiatra geral. Não iria demorar, algumas informações sobre os dias que seu cliente estava em observação e ler alguns relatórios. Antes de encontrar com o seu paciente decidiu observá-lo, foi até a sala onde monitoravam as imagens das câmeras de segurança e observou. Ele estava sentado sobre a cama, com os olhos fechados e as pernas cruzadas. Usava uma camisa de força. Tássio cruzou os braços e chamou os enfermeiros que cuidavam do senhor Benner. “Quero examiná-lo na sala de interrogação, por favor tire a camisa de força dele e nada de algemas”. Um dos enfermeiros questionou sua decisão, antes que pronunciassem algo a mais, ele continuou, “gosto de observar os movimentos, a postura e manias falam muito sobre uma pessoa”. Sem mais questionamentos os enfermeiros se foram. Passou os dedos, novamente, pelos cabelos ao encontrar os olhos do senhor Benner na imagem transmitida pelo computador.

Antes de embarcarem, ele olhou a data da passagem, **12 de julho de 2014**. Era a primeira viagem que iam fazer juntos. Depois que voltaram das férias do fim da graduação, faziam tudo juntos e nenhum dos dois estavam reclamando disso. Ambos foram fazer a especialização em psiquiatria. Ele apaixonado por neurociência, iria para o lado psicopatológico. Ela vidrada por mentes insanas e relatos policiais, iria para o lado dos laudos médicos, queria ser psiquiatra forense.

Iriam tentar não desperdiçar todos os dias das férias da especialização com artigos e por isso decidiram viajar. Ele queria verão e ela queria inverno. Decidiram passar uma semana na praia e uma semana curtindo o frio de Buenos Aires. Durante as férias, Fernanda divertiu-se mais com praias, sol e mar e Tássio com o frio, comidas e as paisagens de Buenos Aires.

No terceiro mês de namoro decidiram morar juntos, tinham muitas coisas em comum e em outras tantas não concordavam. Iam fazer sete meses e eles já tinham planos para uma vida toda, com carreiras, filhos e netos. Mesmo que morassem juntos, estudassem juntos, em pequenos momentos do dia quando se separavam, sentiam aquele pequeno aperto no peito quando eram pegos, por eles mesmos, fazendo uma mania do outro, sorriam logo depois. Tássio pegou a mania de passar os dedos pelo pequeno cabelo, Fernanda pegou a mania de colocar a mão no queixo durante um pensamento. Tássio estralava os dedos quando estava nervoso e Fernanda mordida o lábio inferior.

A sala de interrogação tinha uma jaula, com um pouco mais de quatro metros quadrado, era toda fechada por grades, os cinco lados e no centro do pequeno espaço, uma cadeira fixa no chão. Eduardo Benner estava sentado nesta cadeira, parecia estar confortável, com as mãos estava massageando os músculos do pescoço. Tássio deu uma olhada para um relógio de parede, quase 15hs do dia **26 de abril de 2020**, apertou o gravador entre os dedos por dentro do bolso da calça. Tinha uma cadeira para ele que estava uns três metros da pequena jaula. Passou mais uma vez os dedos pelo cabelo. Observou mais um pouco seu paciente.

Eduardo olhou por toda a sala com uma certa precaução, tinha várias outras jaulas como a dele, todas com uma determinada distância entre elas. Passou as mãos suadas sobre as coxas para que o atrito com o tecido da calça as secassem. Antes que seu caso começasse a ficar entediado, Tássio entrou na sala. Eduardo não notou a presença de seu psiquiatra, até que ele arrastasse a cadeira para um pouco mais perto da jaula. O paciente virou a cabeça para a fonte do barulho. Quando seu médico sentou se, olhou desde o sapato até o cabelo bagunçado do psiquiatra e abriu um sorriso. Tássio continuou sério, tirou seu gravador de dentro do bolso da calça, passou os dedos devagar pelos botões do gravador e sem tirar os olhos de seu paciente apertou o botão vermelho o qual ligou o aparelho.

- 26 de abril de 2020, última consulta psiquiatra do Senhor Eduardo Benner.

Eduardo, com um leve sorriso no rosto, balançou a cabeça negativamente e com a voz suave, completou:

- Por favor, me chame de *Ed, o violinista!*

“São Paulo, SP. **26 de setembro de 2015**”, digitou no inferior da capa de seu último trabalho da especialização. Era o último ano da pós-graduação para ambos. Além de pensar na conclusão da pós, ele também estava pensando no que faria para ela, pois em dois meses iriam comemorar dois anos de namoro.

Tássio falava muito sobre começar uma família, numa dessas loucuras, Fernanda adotou um cachorro. Não tinham muito tempo para o animal, sempre estavam muito ocupados, depois de um tempo, decidiram deixa-lo com os pais dela e logo em seguida ela disse, “Viu!? Não podemos nem cuidar de um cachorro, imagina ter filhos agora!”

Porém, ele queria responder que não era dos filhos que ele estava falando quando citou sobre família, não ainda, queria casar-se com ela. Fernanda ainda não pensava sobre isso, seu relacionamento estava estável, não discutia isso com suas amigas, estavam mais preocupadas com os relacionamentos instáveis e suas carreiras. Os amigos de Tássio que não se preocupavam com relacionamentos, tinham campeonatos de futebol e artigos para discutir, mas Tássio gostava de se comunicar e as vezes no meio da barulheira de algum encontro com seus

amigos, desabafava com seu melhor amigo que sempre tinha a mesma resposta, “Não enlouqueça ainda, a Fernanda é o amor da sua vida, já entendi isso. Passaram-se quase dois anos, ok! Mas vocês precisam de mais estabilidade financeiramente, terminar o curso de vocês, use o método de *Jack, estripador*, e vá por partes”.

Tássio queria dizer para *Ed, o violonista* que o nome de *Serial Killer* dele, faltou uma dose de criatividade da mídia. Pensou em *Ed, o spalla* (o violinista principal da orquestra que fica ao lado do maestro), seria mais épico. Os olhos do senhor Benner tinha um certo poder de sedução, ficar preso por um olhar mais intenso não seria difícil. Eduardo tinha traços fortes, era atraente fisicamente, tinha mãos grandes, estava com a barba e o cabelo desiguais, devido ao crescimento de ambos durante este tempo preso, o que infelizmente ajudou em sua aparência.

- Vou fazer algumas perguntas e gostaria que me olhasse durante as respostas das mesmas. Vou dispensar apresentações, pois o senhor não precisa saber quem eu sou. Sei de algumas coisas sobre o senhor, sobre seus crimes e suas vítimas, mas devido ao critério de observação, preciso ouvir do senhor, e se puder me dar a honra, gostaria de detalhes.

- Gostei de você! – Eduardo dá um sorriso gentil e arruma-se sobre a cadeira. – Gosta de música clássica, Doutor? Já ouviu aquele som gostoso que o instrumento de cordas tem?

Eduardo posiciona seu corpo de uma forma que o deixa com as costas ereta, respira fundo e solta o ar devagar ao colocar o busto para frente, abre um pouco as pernas para equilibrar o corpo, traciona gentilmente os joelhos de uma forma que todo o seu peso fique nas pernas. Coloca o braço esquerdo na mesma posição de sua perna esquerda, encurvando quatro de seus dedos. Levanta um pouco a mão direita, e como se estivesse segurando um arco, começa um leve movimento de vai e vem e um dedilhado com os dedos encurvados da mão esquerda. Com os olhos fechados, Eduardo toca algum tipo de violino invisível. O *violinista* continuou:

- O que eu mais sinto falta é poder ouvir este som. O violino se transformou em uma parte do meu corpo, cada tração das cordas eram como se fosse os meus músculos se distendendo. Um som suave, e ao mesmo tempo agudo, brilhante e estridente. Aposto que quando o senhor ouviu, eram cordas de aço, elas produzem um som até interessante, mas não um som aveludado como o som produzido pelas cordas feitas das tripas de carneiro, como as de antigamente. As cordas feitas de carneiro, são extremamente caras. Mas eu não podia viver sem isso. Não podem me culpar por querer ouvir sons mais limpos, e as tripas humanas deram os mesmos efeitos das tripas de carneiro. Adorava a forma de conseguir as tripas humanas, de fazer as cordas, mas toca-las, era algo inexplicável.

Era o dia do casamento deles, **18 de agosto de 2016**. No começo deste mesmo ano, foi a formação da pós-graduação de ambos, e no meio da euforia da comemoração ele a pediu em

casamento, Fernanda nem precisou pensar e já tinha gritado que sim, antes mesmo de ele terminar a frase. Do começo do ano até o momento a vida deles resumiu-se em preparativos para o casamento, estudar para a prova específica da Associação Brasileira de Psiquiatria, procurar um apartamento maior, e continuar no trabalho. Tudo para que este dia fosse inesquecível. E no fim do dia eles seriam Tássio e Fernanda Rustin.

- As minhas vítimas eram meus alunos, eu era professor de violino e vendia instrumentos de cordas, cordas feitas por mim. E porque meus alunos? Tinham que ser apaixonados por música clássica assim como eu, sentir que o violino era parte de seu corpo, sentir o poder de produzir aquele som, quase divino e tinham que estar saudáveis, isso tudo me atraía para a pessoa. E fazer de suas tripas cordas para um instrumento, era uma homenagem.

Durante o tempo de conversa nenhum dos dois tirou os olhos um do outro, os olhos de *Ed, o violinista*, sempre muito intensos, seus sorrisos, o jeito delicado de se mover, Tássio não se deixou levar, durante este tempo não esboçou qualquer sentimento, expressão, nada. Tássio sentiu se incomodado pela naturalidade do senhor Benner e Eduardo sentiu se incomodado por não conseguir ler o senhor Rustin. Tássio tremeu um pouco ao apertar o gravador na mão.

- Finalizada a última consulta psiquiátrica do senhor Eduardo Benner, as 18 horas do dia **26 de abril de 2020**. – Fez um cumprimento com a cabeça dirigida ao senhor Benner, levantou-se e deu as costas para o seu paciente.

- O senhor não parecia tão nervoso na foto da sua identificação. – Ed, abriu um sorriso. – Espero que não leve para o lado pessoal, Doutor Rustin! – O sobrenome de Tássio ecoou pela sala em um tom rouco, arrastado e totalmente sarcástico.

30 de julho de 2017, foi o último dia da vida de ambos, sem mais sorrisos, sem mais planos, sem mais motivos. Fernanda ganhou de presente um violino, dado pelo seu irmão, quando saiu o resultado do concurso o qual ela tinha passado para exercer a profissão de Psiquiatra Forense. Desde então ela foi procurar um professor, amava música clássica e um dos seus sonhos era aprender tocar um instrumento de orquestra. Enquanto não era chamada para ocupar sua vaga, dedicou seu tempo em aprender a tocar violino e em amar seu marido, até pensou em ter filhos, as maiores brigas entres os dois era para escolher os nomes dos filhos e a quantidade, ele queria seis, não estava nos planos dela virar parideira. Naquele dia ela saiu para sua aula, a partir daquele dia a vida dele mudou, e Fernanda não voltou para a casa.

Maestro